



## **Espelho mídia: A Imagem do Passeio Público na cidade de Fortaleza<sup>1</sup>**

Fernanda B Cavalli<sup>2</sup>

Alessandra Oliveira<sup>3</sup>

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará.

### **Resumo**

Esse artigo tem como objetivo descrever e analisar a história do Passeio Público de Fortaleza, desde o seu surgimento até o início do século XXI. Autores como Raimundo Girão, Otacilio de Azevedo, Carlos Câmara, Sebastião Ponte, entre outros, são citados ao decorrer dessa obra. O conceito de espelho de mídia do autor Eduardo Duarte será de fundamental importância para a descrição da praça quando praticamente parou de ser frequentada pelos fortalezenses, a partir de 1930. Para o desenvolvimento do artigo foi utilizada metodologia bibliográfica e entrevistas realizada com o pesquisador Nirez e o urbanista Romeu Duarte.

**Palavras-chave:** fortaleza; passeio público; cidade; espelho mídia.

### **1. Introdução**

Esse artigo é parte da pesquisa de conclusão de curso que ainda está em andamento, intitulada *A Comunicação Móvel Reconfigurando o Passeio Público de Fortaleza*. O artigo abordará o período histórico, por ser essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, será feita uma breve abordagem sobre a história de Fortaleza durante o período da *Belle Époque*, que se iniciou no ano de 1860 até 1930. Inserido nessas décadas, damos um destaque à exportação de algodão, ao desenvolvimento urbano de Fortaleza, à influência da comunicação nesse período e ao surgimento do Passeio Público. Foi durante esse período que Fortaleza ganhou mais destaque, como capital da província do Ceará. Estas décadas são de grande importância para esse artigo, pois foi quando surgiu o Passeio Público, objeto desta pesquisa, e quando esse espaço teve grande destaque diante à sociedade fortalezense.

Em um segundo momento, decorremos sobre a história e desenvolvimento do Passeio Público, as diversas nomenclaturas do espaço, estruturas físicas e uso da praça pelos fortalezenses.

---

<sup>1</sup> Apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação em Mossoró realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Com. Social – Publicidade e Propaganda da Unifor, email: fernandaborgescavalli@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.br



A partir da década de 30 do século passado, devido novas atrações, como a Praça do Ferreira, a praça perdeu progressivamente o seu valor, praticamente deixando de ser frequentada para o uso de lazer, sendo vandalizada, criminalizada e se tornando ponto de prostituição até o começo do século XXI.

Neste período, o conceito de desejo de cidade, do autor Eduardo Duarte, é abordado sendo diretamente relacionado ao Passeio Público. Falando sobre a formação de uma cidade, o aspecto fantasmagórico e espelho de mídia sobre o Passeio Público.

Neste artigo não será abordado o Passeio Público nos dias atuais, pois esse estudo ainda está em andamento no projeto de conclusão de curso.

## **2. História de Fortaleza: De 1860 a 1930.**

Durante décadas, Fortaleza foi uma cidade sem brilho para a economia do Ceará, diferente das cidades de Icó, Aracati, Camocim e Sobral que já vinham se destacando por conta do couro, gado e algodão. Apenas a partir de 1860 que a cidade ganhou destaque pela a exportação de produtos primários, como o açúcar, couro, café e algodão. Acredita-se que a grande exportação de algodão decorreu após A Guerra de Secessão nos Estados Unidos, período que durou de 1861 a 1865. Segundo Duarte<sup>4</sup> nesse período:

Os Estados Unidos não faziam mais nenhum tipo de exportação de algodão. O Brasil através do Ceará que tinha um algodão excelente começou a participar desse comércio que era dominado pela Inglaterra. (...) Então o Ceará entra no comércio internacional, a partir do algodão e pelo o porto de Fortaleza (Entrevista com Romeu Duarte).

Ponte (2001) complementa:

O crescimento de exportação da produção algodoeira para o mercado externo, verificado a partir de 1860, não só dinamizou a economia cearense, como contribuiu para tornar Fortaleza o principal entreposto comercial do Ceará, face à sua condição de sede político-administrativa provincial, à construção da ferrovia Fortaleza-Baturité e às melhorias implementadas em seu porto (Ponte, 2001,p.24).

---

<sup>4</sup>Entrevista em 12/03/2013, com Romeu Duarte Junior, arquiteto e urbanista, professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. As referências feita a Duarte foram retiradas da entrevista feita nessa data.

Após a participação do Ceará na exportação de algodão, a cidade de Fortaleza começa a se desenvolver. A elite interessada no comércio se concentra na cidade e a transforma na capital política e econômica do Ceará.

Fortaleza até então tinha sua cidade organizada através do planejamento urbano de Antônio José da Silva Paulet, Tenente-Coronel de Engenheiros. Silva Paulet realizou o planejamento da cidade de Fortaleza em 1818 organizando-a de forma ortogonal, com ruas que pareciam ser feitas à régua, dividindo a cidade na forma enxadrezada que até hoje é característica de Fortaleza.

Com o seu plano de retificação e de expansão disciplinada. As vias públicas passaram a obedecer um sistema, cortadas em ângulo reto e os prédios mudaram gradativamente a sua estrutura de taipa para a alvenaria de tijolo, mas ainda eram baixos e sem frontões ou cornijas. De beiral liso, como se dizia (GIRÃO, 2000, p. 21).

Silva Paulet fez o primeiro planejamento da cidade que serviu de inspiração para Adolfo Herbster, engenheiro da província do Ceará e da Câmara Municipal de Fortaleza, que realizou vários projetos urbanos na cidade, incluindo a Planta Fortaleza e Subúrbios em 1875, como vemos na figura 1, mantém os traçados ortogonais do projeto do Silva Paulet, porém sofre grandes influências do estilo europeu.

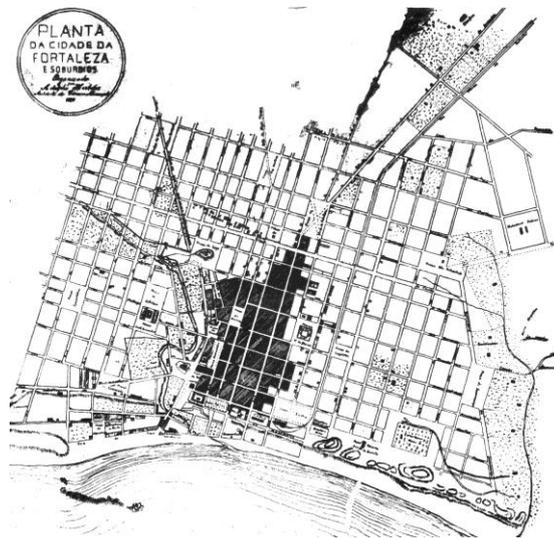


Figura 1: Planta de Fortaleza e subúrbios (1875). Por Adolfo Herbster. Arquivo Nirez.

Ampliava-se o traçado para além de seus limites de então e criava, seguindo a orientação francesa do prefeito de Paris – o Barão de Haussmann – três boulevards, situados nas atuais, Avenida do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel. (CAPELO; SARMIENTO, 2006, p.20)



Barão de Haussmann realizou uma reforma urbana em Paris no século XIX, derrubando a Paris medieval e tornando a cidade mais agradável, ampla, repleta de espaços públicos para o lazer. Seu projeto virou influência em todo o mundo. No Brasil, várias cidades aderiram em sua arquitetura à influência da arquitetura parisiense. Duarte comenta sobre o projeto de Barão de Haussmann:

Vai realizar na cidade de Paris em 1854, quando ele cria os boulevards, quando ele cria as grandes avenidas, os grandes cruzamentos, os grandes monumentos públicos derrubando a Paris medieval, impedindo a construção de barricadas e dificultando as revoluções populares, mas ao mesmo tempo criando tipo, ou tipologias urbanistas que vão se espalhar pelo o mundo. (Entrevista Romeu Duarte)

Nesse período, a Europa, mais especificadamente a França, vivia um momento de *glamour*, onde os seus costumes e estilo de vida eram “o de mais moderno” que havia no mundo, considerado de muito bom gosto e original. Os hábitos franceses passaram a ser referência para vários estados e cidades brasileiras. Nesse período, não era apenas a arquitetura que era o instrumento de inspiração da França. As pessoas passaram a ter hábitos franceses, as gírias, o corte de cabelo, as vestimentas, o modo de comunicação, tipografia, hábito de higienização, política e economia inspiradas na europeia. Virou então uma epidemia francesa no dia a dia dos fortalezenses. Esse período de grande influência francesa se denomina *Belle Époque*.

A cultura europeia, em especial a francesa, era bastante valorizada pelos setores dominantes e setores médios locais, como sinal de “modernidade”, de rompimento com o “provincianismo” (...) Não por acaso aquele era o momento do domínio econômico, político e cultural da Europa sobre o mundo, sobretudo, da expansão capitalista. Tal período ficou tradicionalmente conhecido como Belle Époque. (BRUNO; FARIAS, 2011, p.61-62)

Essas tendências foram trazidas por pessoas que moravam em Fortaleza e tinham um alto poder econômico, lidavam com comércio e tinham contato direto com os produtos de importação e exportação, viajando para a Europa e conhecendo o que havia de mais moderno no mundo. Obviamente, por conta de poucos meios de comunicação existentes na época, as informações e tendências chegavam desatualizadas em Fortaleza.

Naquela época, início do século XX (...), trabalhavam com manuais, eles eram arquitetos ecléticos. Era um bom arquiteto aquele que sabia interpretar os modelos e as modas, os estilos que estavam nesses manuais, que eram espécies de compilação de toda a arquitetura



clássica que acabou fundamentando o ecletismo. (Entrevista com Romeu Duarte)

Os profissionais seguiam modelos de vestimentas, de arquitetura, de tipografia, entre outros, que vinham da França. A comunicação que existia entre a Europa e o Brasil, para ter acesso a esse material era por meio de manuais, onde mostravam as tendências do primeiro mundo e o que deveria ser feito para conseguir aquele padrão.

Outra forma de publicidade que já se via nesta época eram cartazes divulgando espetáculos, por exemplo, Circo que estava na cidade e mais adiante o cinema. Os cartazes eram postos em esquinas, apoiados em postes. A tipografia desses anúncios era característica da França.

Vemos que durante essa época a comunicação já estava presente, reconfigurando estilos e costumes de uma sociedade. Nirez relata sobre o uso do espaço público para a divulgação da primeira página dos jornais impressos.

Na Praça do Ferreira, na década de 30, tinham as árvores em seu redor. Na grade ao redor, tinha uma grade de ferro com placas assim, onde os jornais daqui colocavam suas páginas para a pessoa ler de manhã, para saber o que tinha no jornal. (...) O pessoal chamava essas placas de placar, era o placar do dia. (Entrevista com Nirez<sup>5</sup>)

Durante o período da *Belle Époque* em Fortaleza houve diversas construções inspiradas no estilo francês de arquitetura, mas um grande símbolo desse período, foi a Praça dos Mártires ou Passeio Público, como é mais conhecida.

### **3. O encanto do Passeio Público**

O Passeio Público foi inaugurado em 1880, porém anterior a isso já recebeu diversas nomenclaturas. Segundo Capelo Filho e Sarmiento (2006), o espaço onde hoje se encontra o Passeio Público é datado desde o século XVIII. Sua primeira nomenclatura foi Largo da Fortaleza, chamado assim, por se encontrar ao lado da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Acredita-se que Fortaleza surgiu a partir desse Forte e assim progressivamente se expandiu. Percebe, então, que o Largo da Fortaleza existe desde o surgimento da cidade, sendo um dos primeiros espaços públicos em Fortaleza.

---

<sup>5</sup>Entrevista em 02/03/2013, com Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), jornalista, pesquisador e membro do instituto do Ceará. As referências feitas a Nirez foram retiradas da entrevista feita nessa data.



Como todo Forte, usavam-se canhões para a proteção da cidade e devido o uso destes, necessitava de um espaço para guardar a pólvora. Devido essa necessidade, o largo de Fortaleza tornou-se Largo do Paiol, espaço onde era guardado o paiol de pólvora usado nos canhões. “Largo eram aqueles espaços que sobravam do arruamento, é a urbanização típica do século XIX no Brasil” (Entrevista com Duarte).

Segundo Barroso (2004) por se encontrar ao lado do quartel e ser a primeira praça de povoação, naturalmente foi o local escolhido para as execuções de pena de morte da cidade. Foi erguido um patíbulo para punir condenados de crimes comuns, porém ali também foram espingardeados destemidos rebeldes por participar em 1824, em luta da liberdade da confederação do Equador<sup>6</sup>. Ainda segundo Barroso (2004), por conta desse atentado, o espaço ficou popularmente conhecido como Campo ou Largo da Pólvora. Em 1831, o patíbulo foi destruído por um grupo de revolucionários.

Quando se chamava Largo da Pólvora, foi palco do sacrifício dos patriotas que sonharam com a criação. Ali foram mortos, Silva Carapinima, Azevedo Bolão, Pereira Ibiapina, Padre Mororó e Pessoa Anta (AZEVEDO, 1992, p. 51)

Segundo Barroso (2004), como em várias cidades do Brasil e de Portugal, havia Passeios Públicos, local arborizado destinado para as pessoas passearem. Desta forma, o espaço onde hoje se encontra o Passeio Público de Fortaleza já era o local preferido dos fortalezenses para passeios. Por este motivo, em 1850 o então presidente da província Dr. Fausto Antônio de Aguiar resolveu transformá-lo em um local para passeio público. “O governo provincial, porém só realizou esse projeto em 1864. A praça foi ajardinada e arborizada.” (BARROSO, 2004, p.272).

Segundo Cunha (1990) a Santa Casa da Misericórdia, cuja criação foi proposta pelo Presidente da Província Conselheiro Dr. Vicente Pires da Mota, foi instalada a 14 de março de 1861. O hospital se localiza ao lado do Largo do Paiol. Em homenagem a Santa Casa, o nome do Largo foi modificado para Largo do Hospital da Caridade. Em 1861, mantendo a homenagem à Santa Casa da Misericórdia, o espaço mudou novamente o seu nome, mas agora para Praça da Misericórdia. “A construção do

---

<sup>6</sup>A Confederação do Equador foi uma revolução política no nordeste brasileiro a fim da emancipação do governo exploratório de Dom Pedro I. Ganhou esse nome porque o centro do movimento, em Pernambuco, se localizava próximo à linha do Equador.



hospital de caridade, a velha Santa Casa, que além de salvar vidas, deu a Fortaleza um belo prédio, digno de capital.” (MAPURUNGA, 2012, p.11).

O espaço só foi denominado como Praça dos Mártires em 1879, quando o vereador João Câmara fez essa proposta de mudança de nome, a fim de homenagear os revolucionários executados no local.

Naquela década (1880), surgiu o Passeio Público no local até então Praça dos Mártires, que foi remodelada com implantes de bancos, canteiros, café-bar, réplicas de esculturas clássicas. (...). Zelosamente cuidado e bastante arejado, o logradouro transformou-se em vitrine ideal para os desfiles de elegâncias e enquanto cartão de visita da cidade. (PONTE, 2001, P. 31)

Por influência do afrancesamento vivido na época na cidade de Fortaleza, toda a arquitetura e planejamento foram baseados na cultura francesa. A Praça dos Mártires se torna então um passeio público, para as pessoas desfilarem seus trajes tipicamente franceses e observarem uma as outras. Arborizada, com diversas estátuas, chafarizes, e bancos voltados para o mar, era a representação perfeita da Fortaleza *Belle Époque*.

O Passeio Público se dividia em três planos. O primeiro plano era o da elite, das pessoas mais abastardas, o segundo plano o da classe média e o terceiro plano, mais próximo ao mar, dos indesejáveis. Veja-se que nessa época já existia desigualdade social até nos espaços públicos frequentados.

Composto em três planos em degraus, um ao nível da cidade, dominando o alto da colina outrora chamada Marajaik pelos holandeses; outro no sopé do baluarte e rente com a falsa-braga da velha fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que deu o nome à cidade; e o terceiro ao nível da praia, banhado por um dos braços do riacho Pajeú, ornado de quiosques orientais e dum lago, mas descaído de seu antigo esplendor (BARROSO apud CAPELO FILHO; SARMIENTO, 2006, p.58).

O primeiro plano é muito parecido com o espaço que se encontra hoje no Passeio Público. Era nesse plano onde a elite, segundo os historiadores, esbanjava suas vestimentas e hábitos franceses, era uma vitrine para as tendências e para a moda.

Alamedas cimentadas e atijoladas, grandes árvores, canteiros, e repuxos, coretos, quiosques, estátuas pagãs, tanques, sebes de pitangueiras aparadas como ficus e um baobá plantado pelo Senador Pompeu. (BARROSO apud CAPELO FILHO; SARMIENTO, 2006, p.58).

O segundo plano era um vasto espaço, frequentado pela classe média. Era nesse espaço onde se tinha as manifestações esportivas da cidade, possuía pista de atletismo e campo de futebol (ver figura 2). Segundo Nirez, foi ali onde aconteceu o primeiro jogo de futebol em Fortaleza.

Recantos umbrosos, pequenas cascatas e uma espécie de cassino, onde se viam os cadetes da Escola Militar, quando ela ainda estava no Ceará, jogando bilhares ou bagatela. (BARROSO apud CAPELO FILHO; SARMIENTO, 2006, p.58)



Figura 2: Time de futebol que jogava no campo no segundo plano do Passeio Público. Arquivo Nirez.

Segundo Cunha (1990) o terceiro plano ficava ao nível do mar, havia um lago e diversos animais que viviam nesse habitat, era um espaço harmonioso, destinado à classe popular de Fortaleza. Segundo Nirez, o enfeite que tinha no terceiro plano era uma estátua de Netuno, Deus das águas, personagem da mitologia romana.

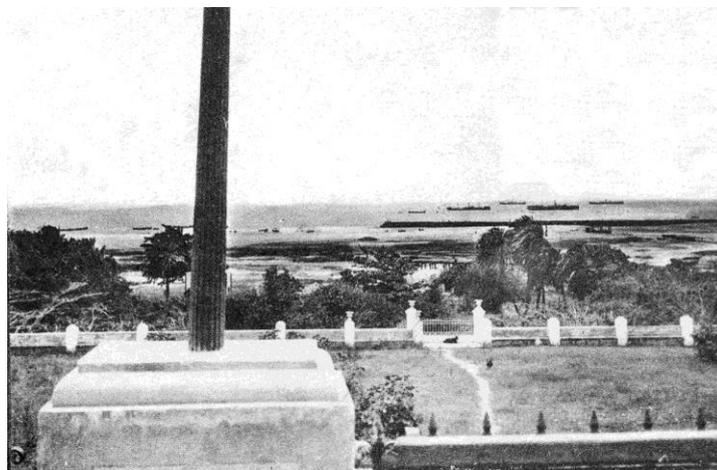


Figura 3: Vista do primeiro plano do Passeio Público, logo abaixo se têm o segundo plano e mais adiante ao nível do mar o terceiro plano. Arquivo Nirez.

Com o desenvolvimento da cidade, a iluminação passou a ser feita através de Gás. Segundo Filho Capelo e Sarmiento (2006), a empresa Ceará Gaz Company Ltda. comprou o terceiro plano do Passeio Público e construiu uma usina elétrica chamada The Ceará Tramway Light Power e Co. .Dessa forma, esse plano não pôde mais ser frequentado para o uso público. A construção foi finalizada em 1913 e pouco depois a energia gerada na usina fez rodar os bondes da cidade.

A caminho da praia, existiram, até bem pouco tempo, dois enormes cilindros de ferro, dentro de engradados, que desciam e subiam sob a força do gás que produziam. Era o Gasômetro que fornecia à cidade o gás carbônico de iluminação. (...) O Gás era conduzido às casas através de finos canos de chumbo. Os combustores das ruas apresentavam uma bela luz esverdeada. (AZEVEDO, 1992, p.49)

Segundo Lopes (1998), os lampiões a gás que contornavam o primeiro plano no Passeio Público tornavam a praça mais bonita. Algum tempo após o terceiro plano ser restrito à população, o segundo plano também foi fechado. O espaço foi cedido para o uso do quartel.

Agora, o terceiro plano está abandonado. O segundo também. Somente se abre ao público o Primeiro, onde as bandas militares vem tocar às quintas e domingos (BARROSO apud CAPELO FILHO; SARMIENTO, 2006, p.58).

“Como tinha esse costume de lacear classe alta, média e baixa, transferiram para essa parte de cima, as três avenidas” (Entrevista com Nirez). Segundo Nirez, com apenas o uso do primeiro plano para a população, para que todos pudessem frequentar o espaço, porém mantendo a divisão de classes sociais, foram criadas as avenidas. Onde em cada uma se frequentava uma classe social. A avenida com a vista para o mar chama-se Caio Prado (ver figura 4), em homenagem ao Presidente da Província Antônio Caio da Silva Prado, que faleceu em pleno exercício do mandato. Era nessa rua onde ficava a elite de Fortaleza.



Figura 4: Avenida Caio Prado, frequentada pela a elite fortalezense. Arquivo Nirez.



A segunda rua chama-se Carapinima, em homenagem ao tenente-coronel Feliciano José da Silva Carapinima. Segundo Cunha (1990), o tenente foi executado em 28 de maio de 1825. A Rua Carapinima, era frequentada pela classe média da cidade. A terceira rua chama-se Mororó, em homenagem ao Padre Mororó que também foi executado na praça em 1825.

Câmara (1979) comenta sobre as três avenidas.

Aqui estão as lindas Avenidas. Deste Passeio sempre as preferidas;  
Ajardinadas, tão garridas e vistosas, só frequentadas pelas turbas  
donairosas.

CAIO PRADO

Da Caio Prado é o pessoal smart.

MORORÓ

E a Mororó é a mais popular

CARAPINIMA

Carapinima meu senhor representa a bela gente que a frequenta.  
(CÂMARA, 1979, p. 117)

Segundo, Bruno e Farias (2011), não havia nenhuma limitação para uma pessoa transitar entre as avenidas do Passeio Público. Essa divisão era espacial. Uma pessoa que não possuía trajes como dos frequentadores da Avenida Caio Prado, por exemplo, certamente não se sentiria a vontade neste local, por isso iria para a “sua avenida”. Essa divisão não impedia que pessoas que não correspondiam à classe social da avenida frequentassem o espaço.

Em 1919, o teatrólogo Carlos Câmara escreveu uma peça de teatro chamada “Casamento da Peraldiana”, onde boa parte se passava no Passeio Público. A citação retrata as frequentadoras da praça, parte da peça que é cantada.

Somos as frequentadoras  
Mais assíduas do Passeio.  
Somos admiradoras  
Deste encantador torneio.

É o centro da elegância,  
Que essa capital encerra;  
É a deslumbradora estância  
Predileta desta terra.

Vejam, meus senhores,  
Que linda paisagem.



Tão cheia de odores,  
Que nos traz a aragem.

É mesmo um encanto  
De real beleza.  
O mais gentil encanto  
Desta Fortaleza.

Tudo quando há de distinto  
Em vosso meio social,  
Vem gozar neste recinto  
De beleza natural.

É o ponto preferido  
Pela sua amenidade  
É o Passeio querido  
Da nossa sociedade.

Não há outro igual  
Tão original.  
É o mais seleteo  
O mais ideal

Sempre o preferido  
Sempre o predileto  
Sempre o mais querido  
Desta capital. (CÂMARA, 1979, p. 128-129)

Não há especificação nas obras colhidas e entrevistas realizadas do período exato em que o Passeio Público teve a estrutura física em planos e em avenidas (Caio Prado, Carapinima e Mororó). Alguns autores as citam como se ambas as estruturas pudessem acontecer ao mesmo tempo como Barroso (2004), outros autores como Nirez retratam da forma como abordamos nessa pesquisa. Primeiro os planos, depois o surgimento das avenidas. Optamos por essa interpretação pela clareza e detalhamento das informações colhidas.

Segundo Nirez, até as primeiras décadas do século XX, o Passeio Público era o principal ponto de encontro dos fortalezenses. Porém, com o surgimento de outros locais para o lazer e com a descentralização da cidade, a praça progressivamente foi esquecida. As pessoas passaram a ter mais interesse em frequentar a Praça do Ferreira, onde se encontrava diversas lojas ao seu redor, bancas, quiosques, estabelecimentos alimentícios, etc.

“Em 1932 foram retiradas as grades circundantes e o Passeio foi perdendo a sua grande atração.” (FILHO CAPELO; SARMIENTO, 2006, p.57). Após a retirada das grades o espaço ficou mais propício ao vandalismo e marginalidade. Durante décadas, a



praça foi esquecida pelas pessoas e pela imprensa. A mídia só relatava a criminalidade, prostituição e descaso do poder público pelo o local, esquecendo toda a sua importância histórica e cultural para a cidade de Fortaleza.

#### **4. Desejo de Cidade**

Uma cidade surge a partir de um fator geográfico ou econômico, despertando interesse da população em se fixar nesse local.

A sedentarização não implicou apenas parar num lugar. Os condicionantes geográficos, climáticos, suas circunstâncias ecossistêmicas de manutenção da vida tiveram profunda influência na escolha de onde sedentarizar (DUARTE, 2006, p. 102).

Foi no Forte de Nossa Senhora da Assunção, antigo forte Shoonenborch, onde surgiu a cidade de Fortaleza. Segundo Mapurunga (2012), por interesse geográfico, pessoas que de alguma maneira dependiam do Forte, passaram a residir próximo ao local, trazendo conseqüentemente a sua família. O Passeio Público, nessa época denominado Largo da Fortaleza já existia, fazendo parte também do marco zero da cidade, sendo um dos primeiros espaços públicos para a uso da população. Diante esse aglomerado de pessoas, surgiu a Vila de Fortaleza, mais tarde se desenvolvendo e se tornando a capital da província.

A escolha de um marco zero posiciona valores que de alguma forma vão acompanhar a memória total dessa cidade. (...) Incorpora na sua memória sua escolha inicial em relação aos condicionantes geográficos e ecossistêmicos que moveram seus primeiros colonizadores de um lugar a outro. (DUARTE, 2006, p. 103)

Segundo Nirez, o centro da cidade tinha como referência a Praça da Sé. Localizado também no centro, o Passeio Público, era um espaço visado para o lazer dos fortalezenses. As pessoas possuíam o desejo de frequentar o local e criar relações com esse espaço. Porém a partir de 1930, outros atrativos apareceram na cidade, dessa forma ocorreu uma descentralização da cidade, deixando “para trás” o Passeio Público.

Segundo Duarte (2006), a mudança do desejo de cidade pode gerar um deslocamento no centro de uma cidade. Entende-se com desejo de cidade, “Que faz e refaz sua urbanidade, que desloca sua população com novas perspectivas de economia



levando ao alargamento geográfico da sua malha de construção.” (DUARTE, 2006, p. 104)

Duarte (2006) acredita que a mídia possui uma grande influência nos valores que propagam o deslocamento do desejo de cidade. Nas décadas em que o Passeio Público parou de ser frequentado, se transformou num espaço fantasmagórico. Com o esquecimento e desvalorização da praça, virou palco para a criminalidade e vandalismo.

O nosso Passeio encontra-se hoje com suas belas estátuas mutiladas pelo o tempo, sem prestígio, esquecido, antro de desocupados e de encontros proibidos pelos bons costumes. (CUNHA, 1990, p. 270)

Azevedo (1992, p.50) complementa:

O vento que circula hoje no Passeio Público, sibilando nas frondes empoeiradas e poluídas, soa triste e parece cantar uma melopéia macabra – sinistra sinfonia dedicada aos fantasmas dos que se foram e que, segundo alguns teimam em aparecer.

As mídias, como os jornais e a televisão não abordavam mais a importância cultural que o Passeio Público possuía em Fortaleza. Elas traziam notícias de degradação do espaço, criminalidade e ponto de prostituição. Conforme listadas abaixo:

1º: “Abandono. Essa é a situação na qual se encontra atualmente a antiga Praça dos Mártires, hoje conhecida como Praça do Passeio Público, no Centro de Fortaleza. Hoje, para a tristeza de antigos frequentadores, ela é predominantemente alvo de garotas de programa, que em seus bancos ficam a espera de clientes, e de marginais.” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2006) <sup>7</sup>,

2º: “Lixo, escuridão, roubo e vandalismo fazem parte do cotidiano do Passeio Público, que sofre o descaso do poder público.” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2007) <sup>8</sup>,

3º: “Espaços públicos de Fortaleza, especialmente os localizados no Centro, estão sendo dilapidados por vândalos e marginais”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2008) <sup>9</sup>.

Conforme Duarte (2006, p. 107),

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=379865>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?Codigo=402497>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=517618>



As múltiplas imagens dos múltiplos aspectos também condensam impressões, referências, sentidos, que por sua vez, no seu conjunto, geram uma imagem de toda a cidade.

Essas imagens construídas pela a mídia de uma cidade ou de um espaço são denominadas “espelho mídia”.

“Não há reflexos fiéis no espelho de mídia. Ele sempre refletirá circunstâncias do desejo de grupos que se expressam e ajudam a construir a imagem conceitual que emerge.” (DUARTE, 2006, p. 108). A mídia constrói conceitos de determinados espaços a partir de diversas informações, hiperdimensionando essas informações e transformando em realidade absoluta do espaço, como do espelho do Rio de Janeiro se têm favelas, no Ceará sertão e em Bagdá destroços.

Foi certamente o que aconteceu com o Passeio Público. Durante décadas, a mídia refletia apenas a criminalidade e descuido do local. A população de Fortaleza passou a taxar o espaço como perigoso, vandalizado e ponto de prostituição, pouco se recordando das suas características positivas. O espaço se torna, então, mais histórico do que geográfico, pois apesar de continuar existindo, durante anos as pessoas não frequentavam mais, se tornando então apenas um espaço onde se retrata parte da história da capital cearense.

## **5. Considerações finais**

Após esse estudo têm-se apenas considerações parciais, visto que esse artigo é parte da pesquisa de conclusão de curso que se encontra em andamento.

A partir desse artigo concluímos que o Passeio Público teve uma grande importância histórica e cultural para a cidade de Fortaleza, sendo palco para diversos momentos históricos da capital cearense. O apogeu da praça se deu no período da *Belle Époque*, sendo o principal espaço frequentado pelos fortalezenses, principalmente pela elite da cidade.

A partir de 1930, o Passeio Público foi perdendo progressivamente o seu destaque, sendo ofuscado por outros atrativos da cidade, a partir de então o espaço sofre vandalismo, foi marginalizado e esquecido pelas pessoas, se tornando apenas parte da história de Fortaleza. O espelho de mídia da praça retratava apenas o espaço pela sua degradação, se tornando para os fortalezenses um local fantasmagórico e criminalizado.

Atualmente o Passeio Público voltou a ser frequentado pelos fortalezenses, primeiramente ele passou por uma revitalização no ano de 2007. As obras de



restauração incluíram um novo projeto de iluminação, recuperação dos jardins, dos bancos, do quiosque, da pintura, entre outros itens. Além das mudanças estruturais, foram criadas páginas em redes sociais para a divulgação de eventos que acontecem constantemente no espaço. Em 2010 foi implantado a rede wi-fi, que possibilitou o acesso a internet gratuita para todos os frequentadores da praça. A pesquisa de conclusão de curso, onde esse artigo faz parte, tem o objetivo de analisar a influência que a comunicação móvel possui na reconfiguração do Passeio Público de Fortaleza. A mídia locativa é objeto de estudo essencial nessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça**. Fortaleza: 2 Ed UFC, Casa José de Alencar Programa editorial, 1992.

BARROSO, Gustavo. **À margem da História do Ceará (1888-1959)**. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2004.

BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza: Uma breve história**. Fortaleza: Ed. Inesp, 2011.

CÂMARA, Carlos. **Teatro: Obra completa**. Fortaleza: Academia cearense de letras, 1979.

CAPELO FILHO, José; GARCIA, Lídia. **Fortaleza Centro Guia Arquitetônico**. Fortaleza: Oficina de projetos S/S Ltda., 2006.

CUNHA, M<sup>a</sup> Noélia da. **Praças de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica histórica**. Fortaleza: UFC, Casa José de Alencar Programa editorial, 2000.

LOPES, Marciano. **Fortaleza Antiga: Praças, Ruas e Esquinas**. Fortaleza: Ed ABC Fortaleza, 1998.

MAPURUNGA, José. **A construção de uma Fortaleza**. Fortaleza: IMEPH, 2012.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reforma Urbana e Controle social (1860 -1930)**. Fortaleza: 3 Ed. Edições Demócrito Rocha, 2001.

DUARTE, Eduardo. **Imagens da Cidade: Espaços urbanos na comunicação e cultura Contemporâneas**. Editora Sulina, 2006.

Sites:

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=379865>

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?Codigo=402497>

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=517618>